

SUL-AMERICANO

Anno II

ESTADO DE SANTA CATHARINA

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1900

N. 11

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Tres mezes 2\$000

PELO CORREIO

Seis mezes 4\$500

PROPRIETARIO

Francisco d'Assis Costa

REDACTORES DIVERSOS

Em que anno começará o seculo vinte ?

O eminente astrónomo Camillo Flammarion, universalmente conhecido, publicou no *Bulletin de la Société astronomique de France*, do mez de Dezembro ultimo, um interessante artigo sob o título acima, e do qual fizemos um excerpto que passamos a apresentar aos nossos dignos leitores.

« De cem em cem annos, no fim de cada seculo, volta a discussão o thema da data da mudança de seculo. Tenho presentes documentos de 1799, 1699, 1599, que estabelecem, viram e reviram o problema, e em cem annos, no anno da graça 1999, os nossos posteroros apresentarão por sua vez a mesma questão nos j rmes « fin de siècle » da epoca. E haverá ainda espiritos distinctos que hão de renovar uma confusão secular. O progresso é lento na raça humana.

« Ha cem annos que as discussões foram vivissimas e refletiram-se até no theatro. Representava-se especialmen e em 1800, em um theatrinho do boulevard do Templo, uma peça intitulada *Em que século vivemos nós, bom Deo!* que não deixou de ter successo, e cujo titulo pelo menos seria ainda de actualidade no proximo anno. Em que tempo vivemos nós? Não é com certeza, no tempo d idade da razão.

« As discussões do seculo ultimo não convenceram porém a toda a gente. Assim, por exemplo, Victor Hugo nasceu a 26 de Fevereiro de 1802. Nessa data, o seculo tinha treze mezes, vinte e cinco dias e algumas horas. Creio que não se dirá nunca que uma creança desta idade tenha dois annos. Entretanto, o immortal poeta, fallando do seu nascimento, em Be-sunçon, escreveu, como todos sabem:

*Ce siècle avait deux ans, Rome remplaçait Sparte
Déjà Napoléon perçait sous Bonaparte
Et du premier consul déjà par maint endroit
Le front de l'Empereur brisait le masque étroit.*

« Apesar do que se chama a licença poetica, Victor Hugo não teria escripto esta phrase se não tivesse pensado que o seculo desenove tinha começado em 1800. Talvez que os poetas não contem do mesmo modo que os astrónomos. M. de Heredia, da Academia Franceza, e Francisque Sarcey chamaram o anno 1900 a aurora do seculo.

E' o fim, o crepusculo do seculo desenove que se deve dizer, e não o começo ou a aurora do vinte. E' a vespera do seculo de amanhã. A aurora não começa senão depois da meia noite.

« Tenho sob os olhos cinco livrinhos impressos em Paris em 1698 e que tratam desta questão. São discussões sem fim, argumentos tirados da Biblia, dos padres da Igreja, do dogma christão, do diluvio de Noé, da instituição dos jubileos pelos papas, e interminaveis tagarellices de advogados que acabam por embrulhar por tal forma a questão que ninguém mais se entende, apesar das distincções subtilezas que ali se fazem entre os numeros ordinaes e os numeros cardeaes. Os auctores deram-se até ao trabalho de interlar n'elles figuras geometricas para mostrar como os annos devem ser separados e contados!

Encontramos dissertações do mesmo genero no anno de 1599, e o proprio papa, que a ellas associou-se, não corta a questão deixando isso ao cuidado dos astrónomos, os quaes, aliás, nunca tem variado, como não varia a arithmetica.

Esta eterna questão é entretanto assaz simples.

Uma dezena se compõe de dez unidades. O numero 10 faz parte da dezena.

Uma centena se compõe de cem unidades. O numero 100 faz parte da centena.

Ora, não houve anno 0 na era christã. O primeiro anno desta era, foi o anno 1.

Quando Jesus Christo nasceu, ninguém imaginou a importancia da sua vinda nem o lugar que tomaria na historia politica das nações a religião que elle ia fundar. O anno do seu nascimento passou despercebido tanto aos Romanos como aos Judeos, e mesmo o primeiro seculo do christianismo, e o segundo, e o terceiro, e o quarto, e o quinto, não occuparam lugar no calendario. Foi só no anno 532 que uma era christã foi proposta por um monge da igreja romana, nascido na Scythia, chamado Dyonisio, e que em razão do seu pequeno porte era appellidado Dyonisio o Pequeno, Dyonisius exiguus.

Foi elle quem constituiu a era christã, no sexto seculo somente, como vemos. Suppoz elle que Jesus tinha nascido a 25 de Dezembro do anno de Roma 753. O anno 754 da fundação de Roma tornou-se o primeiro da era christã. Este primeiro anno, mesmo segundo as ideias de Dyonisio, não era o do nascimento de Jesus: seu começo era sete posterior ao desse nascimento.

Nesta pesquisa de confrontação historica, o monge Dyonisio commetteu um erro de quatro annos, facil de verificar, por ser exactamente conhecida a data da morte de Herodes. Christo nasceu no anno 749 de Roma e não no anno 753, e morreu aos 36 annos e não aos 33. Toda a era christã tem quatro annos de menos. Mas seria certamente incommodo mudal-a.

Comquanto este erro de confrontação seja conhecido desde alguns seculos, conservou-se a era christã tal qual foi proposta por Dyonisio o Pequeno. Basta que a gente se entenda a este respeito.

E', evidentemente, um negocio de convenção. Mas, seja qual for a data adoptada para o começo da era christã, nunca houve anno 0. Logo, o primeiro anno é o anno 1 e o decimo anno é o anno 10, e o centesimo anno do primeiro seculo é o anno 100.»

Posto assim o problema não pôde ficar a sombra de uma duvida no espirito do leitor. Nada ha mais simples no mundo.

Quando a Revolução franceza creou um calendario novo, procedeu do mesmo modo, não imaginou anno 0 e chamou anno 1 ao seu primeiro anno.

O que parece enganar certos espiritos—provavelmente superficiaes, pelo menos no que se refere á chronologia—é a mudança dos dous primeiros algarismos, dos algarismos seculares, dos numeros 1799 a 1800, 1899 a 1900, etc. Passa-se, nestes millesimos 99, de 17 a 18, de 18 a 19. E' verdade. Mas não ha ali outra differença senão a que nos faz passar do numero 9 para o numero 10, do numero 99 para o numero 00, isto é ao complemento da dezena e da centena no systema decimal. Uma dezena vai de 1 a 10, uma centena de 1 a 100.

Tem-se tambem variado a data do começo do anno: poz-se este começo ora em 1.º de Janeiro, ora em 25 de Dezembro, o que era christamente mais logico (porque a circumscrição não é evidentemente senão um incidente) ora na concepção de Jesus ou annunciação do anjo, fixada logicamente pela igreja a nove mezes de distancia, a 25 de Março; ora pela festa da resurreição. Por outro lado diminuiu-se dez dias no anno de 1582, para por de accordo o calendario com a astronomia. Mas tudo isso não impede que o ultimo dia do anno 1900 não seja o ultimo do seculo XIX e que o 1.º de Janeiro de 1901 não seja o primeiro dia do seculo XX.

PILULAS ANEMICA, FERRUGINOSA, ESPECTORANTES, DYSPEPTICAS—no Gabidete Sul-Americano.

A Estação

O numero deste importante jornal de modas correspondente a 31 de Dezembro ultimo, deixou de ser distribuido no tempo competente por motivos de força maior, conforme communicaram os srs. Lavignasse & C. agentes no Rio de Janeiro, pedindo fosse essa falta levada ao conhecimento dos respectivos assignantes por nosso intermedio, o que ora fazemos.

Com as comedias *A Sojra*, em 3 actos, e *Depois da lua de mel*, em um acto, o grupo dramatico particular *Pyrilampos*, realisa, quinta-feira, um espetaculo em favor de tres crianças surdas-mudas

LIGA OPERARIA

Esta humanitaria associação, reunir-se-ha, domingo proximo, afim de proceder á eleição de sua nova directoria.

A renda arrecadada pela Alfandega desta cidade durante a semana finda importou em 76:206\$746.

JOÃO FRANCISCO REGIS JUNIOR—está vendendo todo o existente de sua casa de fazendas, armario etc., por menos do custo.

CIGARROS FIM DE SECULO — na charutaria Linhares.

MAJOR ZOROASTRO GUNHA

Conhecemos este distincto official do corpo de bombeiros da Capital Federal desde a sua adolescência.

Dotado de genio algre e prazenteiro e robustamente compleccionado, n'aquelles verdes annos, que passou aqui na companhia de seus pais e irmãos, já revelava a intrepidez, que havia de elevá-lo, aos trinta annos de idade, ao alto posto que brilhantemente occupa n'aquella milicia.

Hacerc de oito annos veio com sua esposa, já sendo então capitão, ganhar de uma licença n'esta capital, com o fim para mostrar-lhe o logar onde havia corrido feliz aquella quadra de sua existencia.

Já deve ser conhecida de nossos leitores a horripelante tragedia, que teve logar na capital da União no dia 1.º de Agosto do anno passado e da qual foi elle o protagonista.

Tribuido por sua esposa no que tinha de mais caro e sagrado, em um momento de allucinação mata o conspurcador de sua honra e fere gravemente aquella, que tão indignamente quebrantára o juramento de fidelidade.

O crime de adulterio estava plenamente provado; mas o brioso militar tinha de ser submettido ao jury.

Foi no dia 29 de Dezembro ultimo que procedeu-se ao julgamento.

Depois de ouvido o orgão da justiça, que pediu a condemnação do réo, fallou o advogado da defesa, que terminou dizendo que, sem preconisar o celebre *Tue-la d' Dum's*, entendia que a condemnação de seu constituinte importaria proclamar a impunidade do adulterio. E requereu que aos quesitos se accrescentasse o seguinte:

«O réo commetteu o crime em estado de completa privação de sentidos e de intelligencia?»

O conselho, por unanimidade de votos, affirmou o crime, sem circumstancias, e o reconhecimento de que o réo o commettera privado de sentidos e de intelligencia.

O alvará de soltura foi immediatamente lavrado.

O major Zoroastro chorava copiosamente cercado de inumeros amigos.

Pelo Governo Federal foi concedido á exma. sra. d. Maria Emilia da Costa Argollo, viuva do cirurgião-mór de divisão dr. Pedro G. mes de Argollo Feirão, o meio-soldo de 1:260\$000 annuaes, a contar da data do fallecimento deste official.

Elles

Esperam-n'o na porta! que alegria boiando nas pupilas das creanças! fragmentos de amor e de esperanças, circumdam-n'o de abraços á porfia!

Já elle as beija ardentemente e se inebria, fitando esses olhitos, que lembranças avivam-lhe da esposa, em cujas tranças esses beijos outr'ora repartia!

Como devem ser bons, puros, suaves os balsamineos beijos d'essas aves, garrúlos colibrys, almas do Bem!

Ai! do lar que os não tem, por mais amigo! não poderá viver sem esse abrigo que até Deos—Jesus buscou tambem!

GONÇALVES FERRO

CAPITANIA DE SANTA CATHARINA

GOVERNO DO CORONEL FRANCISCO ANTONIO CARDOSO DE MENEZES

(1762—1765)

A 7 de Março de 1762 tomou posse do governo da capitania de Santa Catharina o coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes.

A sua administração representa uma época de odiosa opressão, principalmente para os habitantes da villa do Desterro.

A lavoura, a pequena industria e o commercio decahir em visivelmente.

Em construção se achava a igreja matriz da villa e algumas fortalezas, e em tal serviço entendeu o governador que todos tinham o dever de trabalhar.

Por isso não d'viu mandar intimar os lavradores e negociantes para que se apresentassem a prestar os seus serviços como operarios e serventes, ou como cortadores de madeiras e conductores d'elles.

Os proprios vereadores da camara não escaparam desta rede, e, á força foram tambem trabalhar nas obras publicas.

O p'ir de tudo era que o serviço não tinha remuneração alguma.

Chegou-se a sentir grande falta de mantimentos; — e como não s' rassin, se os lavradores que não eram designados para os trabalhos publicos, o eram para os exercicios militares que de continuo se faziam?

E foi, infelizmente, debaixo dessa terrivel opressão que, uma a uma, foram cimentadas muitas das camadas de pedras da actual matriz da capital do nosso Estado. Reproduziam-se, se bem que em diminutissima escala, os tempos pharonicos das pyramides e obeliscos, — monumentos erguidos pelo mais fero de potismo.

Por felicidade dos opprimidos, o governo de Portugal, attendendo ás justas queixas que em nome do povo lhe dirigiu a camara da villa, mandou finalmente suspender os exercicios militares e dispensar o povo de alguns trabalhos.

No principio deste governo foram lançados na ilha os fundamentos da capella do Menino Deos, pelos ingentes esforços da beata D. Joanna de Gusmão, e com permissão do Bispo do Rio de Janeiro D. Frei Antonio do Desterro.

Sobre a vida desta veneranda senhora escasseiam os documentos historicos; temos, todavia, alguns conhecimentos tradicionaes que pensamos não dever deixar a margem.

O pouco que se apura de alguns documentos obtidos em Santos ha já muitos annos, é que D. Joanna de Gusmão era filha de Francisco Lourenço, cirurgião-mór do presidio de Santos, e de D. Maria Alvares; e que no inventario a que esta procedu em 4 de Janeiro de 1721, por fallecimento de seu marido, em que se declara os nomes e idades de 12 filhos que lhe ficaram, entre elles figura D. Joanna de Gusmão, de 32 annos de idade e casada com Antonio Ferreira Gamboa.

Tinha, pois, nascido esta senhora em 1689.

Ouçamos agora o que nos diz a tradição.

D. Joanna de Gusmão, natural da villa de Santos, era irmã de Alexandre de Gusmão, secretario particular de D. João V, e de Frei Bartholomeu de Gusmão, inventor de uma machina aerostatica.

Fôra casada com um major, mas nunca tivera filhos.

Indo uma vez com seu marido em romaria a Iguape, ali fizeram os dous esposos uma promessa de não contrahirem segundas nupcias, quando a morte, arrebatando um delles, quebrasse o elo sagrado que os ligava; e, ainda mais, devendo o sobrevivente peregrinar pelo mundo.

Succedendo depois morrer-lhe o marido em Paranaguá, victima da variola, D. Joanna, cumprindo o voto que fizera, cobriu-se logo com um habito de burél, e começou a sua peregrinação por terra e a pé para o Sul.

Chegando ao littoral de Santa Catharina, resolveu passar-se para a ilha de Santa Catharina, e, no meio da matta virgem que cobria então o morro visinho á villa, construiu um ranchinho para sua morada.

Em breve, conhecida pelas suas virtudes, se lhe juntaram duas mulheres, com as quaes, em peregrinação a pé, foi varias vezes ao Rio Grande e mesmo á colonia do Sacramento, no empenho de angariar esmolas para uma capella que tencionava fundar, dedicada ao Menino Jesus, e de cuja imagem nunca se separava.

Depois destas peregrinações voltou á ilha, e tendo augmentado o seu ranchinho, abriu um pequeno collegio de meninas, onde a par do ensino da leitura e costura, comprazia-se D. Joanna em inspirar-lhes a pratica das acções virtuosas.

Não esquecendo o motivo que a havia impellido ás suas longas e penosas jornadas, deu ella principio em 2 de Maio de 1762, á edificação de uma capella, sobre um outeiro visinho, donde se descobria a villa e as tranquillias aguas da bahia.

A imagem que sempre a acompanhava, foi collocada sobre um altar, lugar consagrado ás suas piedosas meditações.

Toda a villa considerava então D. Joanna como uma santa, e muitas pessoas, em circumstancias afflictivas, corriam para junto della a buscar protecção.

Quando, almebrada pelos annos, octogenaria, faltaram-lhe as forças para ir á capella orar diante daquelle altar, os moradores visinhos, todos affeição e respeito, levaram-na para junto d'elle.

Foi ali que, de joelhos, ella terminou a sua longa vida e a sublime missão que espontaneamente tinha abraçado.

Murcava-se então o anno de 1779.

Ainda hoje, na sacristia da mesma capella, pode-se ver a urna que contém os seus preciosos restos.

O governo do coronel Cardoso de Menezes terminou em 12 de Julho de 1765, nutrido então os habitantes da villa do Desterro lisongeiras esperanças, de que o seu successor Tenente Francisco de Souza de Menezes lhes traria mais felizes dias.

Comprimentos

Fizeram annos ante-hontem os cidadãos Raul Tolentino de Souza, despachante da Alfandega, Joaquim Tertuliano Viera de Souza e Antenor Caldeira, e a interessante senhorita Cora Ferreira, filha do cidadão Antonio Carlos Ferreira, hontem, o joven Romeu Margarida; fazem hoje, os cidadãos Abilio Jusiiniano de Oliveira e Manoel J. de Oliveira Cruz, professor publico.

Primeira tentativa de colonisação da Ilha de Santa Catharina

(SCENAS DO SÉCULO XVII)

Até o anno de 1660, pouco mais ou menos, os raros povoadores da ilha de Santa Catharina não passavam de alguns criminosos, que, para fugirem á acção da justiça, nella vinham procurar refugio.

Por essa época, porém, incitado por Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador da capitania do Rio de Janeiro, a ella aportou, vindo de Santos, Francisco Dias Velho Monteiro, com sua mulher e filhos, 500 indigenas domesticas e mais algumas pessoas aggregadas. Acompanhavam-n'o tambem dois padres jesuitas.

Assentando a sua colonia no local em que actualmente se vê o largo 15 de Novembro, tratou elle logo de erigir uma pequena ermida sob a invocação de Santa Catharina, do nome de uma de suas filhas, segundo alguns historiadores.

Este nome passou depois para a ilha, e por fim estendeu-se á toda a Capitania.

Algun tempo depois da sua fundação era bem sensivel o progresso da pequena colonia. No remanso da paz, entregavam-se os novos incolas ao trabalho da lavoura, que a fertilidade da terra tornava suave.

Uma ermida ainda por acabar e algumas chupanas toscamente construidas, formavam uma graciôsa paisagem, cujo fundo, um pouco além, era fechado por arvores colossaes á que se abraçavam longos barços de cipós, donde pendiam grinaldas de mimosa.

Dias Velho Monteiro foi avisado do que occorria, e, incontinenti, partiu com a sua gente, atacando de surpresa os holandezes no mesmo local em que tinham desembarcado.

Não contando com tal aggressão, os holandezes, á vista das perdas que começaram logo a soffrer, tudo abandonaram, fugindo em lanchas para o seu navio e fazendo-se logo ao largo.

Contente retirou-se então Dias Velho Monteiro, trazendo consigo os despojos do combate, que cautelosamente guardou em um recanto da ermida, sem reflectir talvez que os holandezes não esqueceriam facilmente aquella affronta, e que, mais cedo ou mais tarde, buscariam meios de vingar-se della.

E foi realmente o que succedeu.

Um anno depois, outro navio da mesma nacionalidade aportava em S. Francisco. Auxiliados por um pratico, que ahi tomaram, dirigiram-se os seus tripolantes para a ilha de Santa Catharina. Tendo fundeado no mesmo ancoradouro de Canasvieiras, d'ahi partiram em lanchas para atacar a povoação.

Parece que Dias Velho Monteiro fôra informado da chegada do navio, porque foi pôr-se de emboscada com a sua gente e conseguiu impedir-lhes o desembarque.

Na persuasão de que os holandezes não tentariam outro ataque, foram todos descansar.

Entretanto, si nessa mesma noite Dias Velho Monteiro tivesse postado algumas sentinellas emboscadas por entre as densas montas de cactus ou por sobre os tortuosos ramos das arvores seculares que se prolongavam sobre a Praia de Fora, teria si lo

MUTILADO

Velho Monteiro, chegando até a desrespeitarem suas filhas em sua própria presença.

Em um assomo de desespero, o infeliz pai arranca a espada da cinta de um hollandez para com ella desaffrontar-se, m's subito ouve-se uma detonação, e, Dias Velho, cambaleando, cahê mortalmente ferido por um tiro de pistola que outro hollandez lhe dispara.

Em seguida procedem á busca de toda a prata que haviam deixado em terra da primeira vez, e levando alguns prisioneiros, fizeram-se de vela.

Grande consternação apoderou-se da familia do infeliz povoador. Depois de terem acabado a pequena ermida, disseram todos um saudoso adeus á ilha e foram uns estabelecer-se na Laguna, enquanto outros voltavam para Santos.

Muitos annos eram já passados sobre este lutooso facto e ainda o vi-jante, transpondo os umbraes da modesta ermida, dep'rava com algumas manchas de sangue estampadas em uma de suas paredes.

Er'o o signal da horriavel tragedia que no seu recinto f'ra representada.

O nosso jardim

O nosso bello jardim á praça 15 de Novembro é o unico ponto de recreio que aqui temos, e os seus attractivos ainda mais augmentam na estação calmosa. ... que este anno parece trazer todo o fogo da cauda do cometa que devia pôr o mundo em gravetos, mas que, felizmente, resolveu, á ultima hora, deixar-se.

Secção Religiosa

O CULTO DOS SANTOS

Os nossos irmãos separados, os protestantes, não querem de forma alguma que nós os catholicos oremos ou rezemos aos santos, porque, dizem elles, como se vê da epistola 1.ª de S. Paulo a Thimotheo cap. 1.º v. 5, só ha um mediador, isto é, um intermediario: é Nosso Senhor Jesus Christo. Logo, como é, que nós recorremos a tantos outros mediadores, quantos os santos do catholicismo? Neste ponto a doutrina protestante é que, nós, não precisamos de intermediario algum para nos dirigirmos a Deus; mas sendo que por nos sa humildade ou vergonha de nossos peccados e miserias não tenhamos a sufficiente coragem para pedirmos a Deus Pae directamente qualquer graça ou favor, a ninguém mais podemos recorrer, de ninguém mais podemos valer-mo-nos sinão de Nosso Senhor Jesus Christo, por isso que este é o unico mediador. D'este modo temos que Deus eterno, nosso pae pela graça, e pae do mesmo nosso Senhor por natureza, tão humilde que na pessoa do filho diz e ensinou aos homens que aprendessemos d'elle, que era humilde e manso de coração; agora, no entender dos ditos nossos irmãos, está tão cioso de seus direitos e tão orgulhoso, que somente se deixa communicar com a despresivel raça humana por intermedio do filho ou então cada um peça para si e nunca um pelos outros: é um Deus de extremos. E nenhum santo, nem mesmo a virgem, mãe do ho nem Deus, vá lá com petições por mais justas que sejam, porque, ou não são desprechadas, ou são desprechadas.

MOTILADO

acôrdo; logo assim, não pôde errar nem contradizer-se, nem ensinar uma doutrina e professar outra. Cumpe-nos, pois, comprehendê-la.

Eis ali vai o que ensina a Igreja Catholica, unica mostra da verdade. Nosso Senhor Jesus Christo, pelos seus infinitos merecimentos foi o e o meio unico de salvação e de nós s' h'mens, entrarmos no agrado e graça de Deus. Como meio unico neste sentido, é que S. Paulo o chama o unico mediador, pois só elle foi quem nos redimiu á custa de seu proprio sangue e áquelles de nós que cremos no seu nome, deu ainda o poder de tambem nos fazermos filhos de Deus pela graça, n' o segundo a carne, nem segundo a vontade do homem, etc. (Vide o Evangelho de S. João, cap. 1.º v. 12 e 13).

PADRE CRUZ

(Continúa)

Carta

Do Sr. R. Lenington, ministro do Evangelho nesta cidade recebemos a seguinte carta:

«Sr. Redactor do *Sul-Americano*. — Peço um lugar nas vossas columnas para responder a um ataque dirigido contra a igreja evangelica pelo sr. rev. Miranda Cruz, n'uma carta sua publicada em vosso jornal.

Diz o Sr. Rev. que o nosso «credo» é erroneo. Como elle bem sabe, o nosso «credo» acha-se resumido no seguinte Credo dos Apostolos: «Creio em Deus Pae, todo poderoso, Creador do céu e da terra. Creio em Jesus Christo, Seu unico filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espirito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob o poder de Poncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu em Hades; resurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu, está sentado á mão direita de Deus Pae todo poderoso; d'onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espirito Santo; na Santa Igreja Catholica universal na communhão dos Santos; na remissão dos peccados; na resurreição do corpo; na vida eterna. Amen.» Agora este é o Credo da Igreja romana, e se o Sr. Rev. diz que o nosso credo é erroneo, elle diz ao mesmo tempo que o seu tambem é. E' muito facil dizer que qualquer coisa é erronea, mas prova-o, é outra coisa; e o Sr. Rev. não provou nem pode provar que as doutrinas da Igreja Evangelica são erroneas porque são baseadas sobre a palavra de Deus, e para desmentil-as é necessario subverter a palavra de Deus.

Não é de admirar que o Sr. Rev. se opponha ao uso livre da razão, porque a igreja romana sempre se oppoz a esta liberdade humana; sempre quiz que todo o homem fosse seu escravo cego; que todos acreditassem implicitamente nos seus ensinamentos. Ahi está um exemplo no caso de Galileo, que foi obrigado, em 1633, pela igreja romana, na pessoa do seu Papa Urbano VIII, a retractar a verdade scientifica que é a terra que gyra e não o sol.

Mas, por mais que se opponham, os factos provam o contrario. Deus fez o homem livre e dotou-lhe com um intelligencia livre.

Verdade é, que esta liberdade traz sua responsabilidade. Por exemplo, o homem pode crer, se quizer, que não ha sol, mas se sahir no sol de cabeça descoberta, verá que esta sua liberdade de crença traz sua responsabilidade.

Tambem o homem pode crer se quizer que pode peccar toda a sua vida e que se deixar uma porção de dinheiro para dizer missas, elle terá entrada nos

céus; mas no fim da vida achará que se aquell: que se arrepende do seu peccado e crê em Jesus Christo terá salvação.

E' livre, sim, mas responsavel.

Do mesmo modo, pode-se crer que todas as religiões são verdadeiras, que pode-se adorar á Deus por meio de «santos confessores» e «mediadores», etc., mas a igreja evangelica, seguindo o mandamento do São Paulo em 1 Thessalonicenses V. 21., «examinae porem tudo, abraçae o que é bom», depois de examinar e verificar os factos, abraça, como boa e verdadeira, a religião fundada por Jesus Christo e ensinada pelos seus Apostolos. Por esta razão ensina que deve-se adorar a Deus em espirito e em verdade, porque Jâsus disse; «Deus é espirito: e em espirito e verdade é que o devem adorar, os que o adoram» S. João IV. 24. E, n'este culto spiritual e verdadeiro de Deus, deve o homem dirigir-se a Elle «seu Creador, pelo modo e meios que Elle determina e exige.» Não adoramos a Deus por meios inventados e feitos por mãos humanas, mas cremos aquillo que São Paulo nos ensina em Actos, XVII. 29., «Sendo nós pois linhagem de Deus, não devemos pensar que a Divindade é sem lhante ao ouro, ou á prata, ou á pedra lavrada por arte, e industria de homem.» Por esta razão não temos em nossos templos, imagens ou figuras, visto que Deus disse: «Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no Céu, e do que ha em baixo na terra, nem de cousa, que haja nas aguas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou Senhor teu Deus...» (Exodo XX. 4—5.)

Diz o Sr. Rev. que os que frequentam as nossas conferencias são comparáveis aos «que frequentam uma casa onde só se faz ouvir fallar mal da sua mãe ou da sua familia». Nestas conferencias não se falla de individuos, mas dos principios que devem governar a todos na sua adoração de Deus e nas suas relações para com os seus semelhantes. Por exemplo, ensina-se a obediencia devida aos paes; que se deve respeitar a familia; a honra da mulher, emfim, tudo que possa contribuir para a graça de Deus a fazer o homem um ente religioso e uma pessoa de bem e de honra. Se ha qualquer pessoa que duvide a verdade d'esta declaração, é cordealmente convidado a assistir a estas reuniões e, se não fôr como temos dito, a provar o contrario.

Agradeendo a vós, Sr. Redactor, o beneficio que prestaes ao publico, sou, com muita estima. — vosso amº, R. F. Lenington, — ministro do Evangelho.

PILULAS anti-despepticas, ferruginosas e anti-anemicas, do Dr. Hienzelmann, — no Gabinete-Sul-Americano

Secção charadistica

LOGOGRIPHO

A HORACIO NUNES

Eu, como Creso, disponho,
de fortuna colossal — 7, 8, 1, 9
e, cumprindo meu fadario,
não deixo de ser igual. — 3, 9, 7, 5, 2
No movimento uniforme — 3, 9
meu fim nunca alcançarei — 5, 6, 7, 3, 9
e nesse trabalho enorme,
eu meus dias findarei. — 3, 9, 7, 7, 2, 7, 6, 4

Amigo velho da musa,
hardido decifrador,
não consinta gente intrus:
no grande templo da Dôr!
Hoje, dia de finados,
das lamurias, dos dobrados
do velho sino da igreja,
não consinta, não permitta
que entre aqui vil trogloditta
que christão ser não deseja!

z — 11 — 99.

Terencio

ENIGMA

A FIRMINO COSTA

Quem não quer manda, quem quer vai.
De que lado estais?

Y. X.

A UM PECHOTE

5 5
5 5
5 5 5 5
5 5
5 5

r 5 AIC

ao

Outro pechote

CHARADAS

A M. R. RILLA

Caro Rilla, si te vires
alguma vez em contenda, — 3
e não tiveres sahida... — 2
falla que ninguém te entenda.

H. N.

DECAPITADA

A Firmino Costa

A minha. . não é nenhuma. . . . sem receio!

Pollux

NOVISSIMAS

A J. B. S.

Quem quer viver suspende este terror dos nes-
cios. — 2, 1

Acteon

O pequeno rei da Thessalia é um idiota — 2, 3
Brinca com a flôr na prisão — 2, 2

Um Miguelense

Decifrações do ultimo numero:

Logogripho: Corcoroca; enigma: Asmodeo; cha-
radas: Esmola, Cavallo, Alleli, Unha-gata, Ameri-
cana, Pereira, Capataço, Moreira, Matula, Afinal,
Movimento, Fernando Machado, Celibato, Adyto e Balela.

Pollux enviou a decifração da charada — Fernan-
do Mach do — que lhe foi offerecida por A. C. e não
por Castor, como por engino sahio publicado; Um
miguelense tambem enviou as decifrações das se-
guintes charadas: Esmola, Unha gata, Americana,
Pereira, Capataço, Moreira, Matula, Afinal, Move-
mento, Celibato e Adyto.

VINHOS PORTUGUEZES — diversas marcas,
no armazem de Fernandes Neves & C.

ANNUNCIOS

Atenção

A CASA BRAZIL

chama a attenção de seus freguezes e
do publico para o novo sortimento que aca-
ba de receber:

Tecidos abertos, proprios para a esta-
ção, alpacas lindissimas, furta-cores, fus-
tões diversos, voil e merinós de cores, brins
de linho brancos e de cores, sarjas, cheviots,
diagonaes superiores. ternos de casemira de
24\$ a 60\$ (o que ha de chic), gravatas,
collarinhos, punhos, camisas, espartilhos,
cintos, rendas, fitas, bordados, perfumarias
legitimas, véos, grinaldas, cortinados,
meias, lenços, toalhas, chapéos de sol
e de cabeça.

Abundante sortimento de algodões e mo-
rins nacionaes e estrangeiros em cujos pre-
ços não receia competencia.

Lemma da casa

Vender barato para vender muito
RODOLPHO OLIVEIRA & ALVES
18 RUA DO COMMERCIO 18

ANNUARIO

DO

Estado de Santa Catharina
para 1900

A VENDA NO

GABINETE SUL AMERICANO

CALDEIRA MACHADO & C.

Receberam grande sortimento de fazen-
das para a presente estação, como sejam:
revo, fazenda rendada moderna e
branca com salpicos, alpaca furta-côr, linho,
étamine rendado branco, merinós pretos, la-
vrados.

Alpaca preta lavrada, morins, chitas, al-
godões, riscados, etc.

PREÇOS RAZOAVEIS

RUA ALTINO CORREIA N. 12